



PAULO DE TARSO DA SILVA JUNIOR
FRANCISCA RAQUEL DA COSTA

E O QUE FOI QUE EU DISSE?


INSTITUTO
FEDERAL
Piauí


PROFEPT
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
FORMAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA

Um dicionário para tirar o racismo da boca

Promover uma linguagem não racista envolve também educar as pessoas sobre a história, a cultura e as lutas enfrentadas por diferentes grupos étnicos. Isso cria oportunidades de aprendizado e de desenvolvimento de uma consciência crítica em relação ao racismo.

PAULO DE TARSO DA SILVA JUNIOR
PROFA. DRA. FRANCISCA RAQUEL DA COSTA



E O QUE FOI QUE EU DISSE?

Produto Educacional apresentado ao Programa de Pós-graduação em Educação Profissional e Tecnológica, ofertado pelo campus Parnaíba do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Piauí (IFPI), como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Educação Profissional e Tecnológica.

Área de concentração: Educação Profissional e Tecnológica.

Linha de Pesquisa: Organização e Memórias de Espaços Pedagógicos na Educação Profissional e Tecnológica (EPT)

Parnaíba-PI
2023

Dados internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

Silva Júnior, Paulo de Tarso da

S586e E o que foi que eu disse? / Paulo de Tarso da Silva Júnior, Francisca Raquel da Costa. — 2023.
56 f.: il. color.

Produto Educacional (Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica) - Instituto Federal do Piauí, Campus Parnaíba, 2023.

1. Educação Profissional e Tecnológica. 2. Racismo linguístico.
3. Racismo estrutural. I. Costa, Francisca Raquel da. II. Título.

CDD - 378.013

Elaborado por Micheline Angélica Aragão Gouveia CRB 3/1244

Sobre os autores

Paulo de Tarso da Silva Junior

Graduado em Pedagogia pela Universidade Federal do Piauí (UFPI/CAFS), possuindo especialização em Às Áfricas e suas Diásporas pela Universidade Federal de São Paulo (Unifesp/UAB) e mestrando em Educação Profissional e Tecnológica em Rede Nacional (ProfEPT/IFPI), no campus Parnaíba. Além de suas formações acadêmicas, atua como ator e produtor cultural do grupo Escândalo Legalizado de Teatro (ESCALET), sediado em Floriano-PI.

É espírita e filantropo ativo da Comunidade Espírita-Cristã Joanna de Ângelis. Faz parte do Núcleo de Estudos Afro-brasileiros e Indígenas - NEABI/IFPI, no campus Floriano. Sua dedicação está voltada para estudos nas áreas de ensino para as relações étnico-raciais, educação profissional e tecnológica, formação docente, docência inclusiva e identidades.

Francisca Raquel da Costa

Possui graduação em História pela Universidade Federal do Piauí (2006), especialização em Educação e Cultura Afrodescendente pela mesma instituição (2007), mestrado em História do Brasil pela Universidade Federal do Piauí (2009) e Doutorado em História Social pela Universidade Federal do Ceará. Foi vice Coordenadora do Núcleo de Estudo sobre Africanidade e Afrodescendência - IFARADA e Coordenadora do Curso de Licenciaturas Plena em História e professora substituta da Universidade Estadual do Piauí no Campus Heróis do Jenipapo. Atualmente é professora do quadro efetivo do IFPI, Campus Teresina Central e coordenadora do NEABI (Núcleo de Estudos Afrobrasileiros e Indígenas). Também atua como docente do Mestrado Profissional do PROFEPT. Atua nos seguintes temas: História, Escravidão, Memória e Afrodescendência, Relações Raciais e Educação.

Às minhas avós,
Marias, Maria do Cruz e Maria
do Socorro. Esta última, se
estivesse ainda neste plano,
diria: "Diz que eu vou lavar
essas frases preconceituosas
com água e sabão".



Bárbara, 12 anos.

Apresentação

Você já falou sobre alguém e depois disse que sua intenção não era denegrir a imagem de ninguém? Já sentiu “inveja, só que branca” ou chamou “boçal” a uma pessoa orgulhosa ou mal-educada? Essas e outras são situações do racismo linguístico.

A nossa língua foi construída sob forte influência da cultura escravocrata, muitas expressões são ainda hoje utilizadas, mesmo inconscientemente e não intencionalmente. Precisamos repensar o uso de palavras e expressões que foram criadas pela composição do racismo. Depois de saber que a expressão é uma infeliz recordação da escravidão no Brasil, onde o único lugar permitido às mulheres negras era a cozinha da casa grande, não podemos achar natural dizer que essa pessoa tem a um “pé na senzala” ou um “pé na cozinha”.

Podem pensar que não faz sentido, mas faz. Chamam de ditados populares, frases de efeito, ênfase, jargões culturais e até de frases e palavras de humor. Não é cultura, e se é, é racista. Se a piada machuca alguém, então não é piada.

No seu livro “Racismo Recreativo”, o Professor Adilson Moreira nos ensina que a língua transmite valores culturais e que não podemos deixar de difundir significados negativos só porque não são intencionais.

Por exemplo, a expressão “negra de traços finos”, muitas vezes dita como um elogio, reforça os estereótipos de um padrão branco e europeu, ou a expressão “mulata” que vem de uma época em que mulheres negras escravizadas eram objetificadas, tratadas como símbolo exótico e erótico, e ainda hoje são vistas como mulheres consideradas impróprias para o casamento.

O racismo está exposto de muitas formas na nossa sociedade. Estas micro agressões não só reproduzem discursos racistas, como tornam negros indicadores de inferioridade social, construindo o que chamamos hoje de racismo estrutural.

Neste livro, em formato de um dicionário, apresentamos uma série de palavras, expressões e frases que estão no nosso vocabulário cotidiano e que nos fazem reproduzir discursos racistas. Podemos assim, compreender o racismo em nossas falas para além de somente substituir palavras por outras, assim como Gabriel Nascimento, na sua obra “Racismo Linguístico: os subterrâneos da linguagem e do racismo”, nos convida a perceber e racializar as estruturas linguísticas da língua portuguesa, quando de forma lúcida afirma que o racismo perpassa pela nossa linguagem e a utiliza para construir uma desigualdade racial que já conta-se mais de 500 anos de existência.

Esse é um convite aos agentes de transformação!
Então? Vamos tirar o racismo da boca?



Este desenho foi pintado por uma criança. Para ela, a cor da pele não importa, e para você também não deveria importar.



Pedro Isaac, 9 anos.

Os desenhos presentes nesta obra foram criados por crianças da Escola Municipal Frutuoso Pacheco, localizada no Bairro Nossa Senhora da Guia, em Floriano-PI. Essa escola marcou o início da trajetória educacional do autor, que coletou os desenhos como resultado de uma atividade de contação de histórias com enfoque étnico-racial, conduzida por ele mesmo.



Allan Kardec, 9 anos.

SUMÁRIO

A	13
B	15
C	17
D	21
E	23
F	25
H	27
I	29
L	31
M	33
N	35
O	39
P	41
R	43
S	45
T	47



Ana Beatriz, 9 anos.

A

“Para que a discussão se amplie é fundamental compreender que estamos em um lugar de tratamento diferente. É preciso reconhecer o racismo”.

(Marielle Franco)

A COISA TÁ PRETA

O termo associa a palavra “preto” com uma situação desconfortável, desagradável, difícil ou perigosa.

“Estava vendo os jornais hoje, no Brasil a coisa tá preta”.

Substitua por: a coisa está difícil

A DAR COM PAU

Tem origem nos navios que traziam os povos escravizados, quando algumas pessoas preferiam morrer de fome a serem escravizadas. Assim, elas eram alimentadas à força com um tipo de colher feita de madeira e de grande comprimento, daí vem a expressão “a dar com pau”.

“Tinha gente a dar com pau”.

Substitua por: bastante/muito

AMANHÃ É DIA DE BRANCO

Dia de branco se refere a dia de trabalho, responsabilidades, afazeres e compromissos. Em tempos passados o trabalho escravo não era considerado trabalho.

“Agora eu vou dormir e descansar porque amanhã é dia de branco”.

Substitua por: amanhã é dia de trabalhar

ATÉ TENHO AMIGOS NEGROS

Esta frase é usada para uma possível defesa quando se aponta alguma atitude ou fala racista, é uma tentativa de afirmar que não foi racista no contexto da conversa.

“Você está exagerando, eu não sou racista, até tenho amigos negros”.

Não use essa frase.



Carlos Rubens, 12 anos.

B

“Ninguém nasce odiando outra pessoa por sua cor de pele, sua origem ou sua religião. As pessoas podem aprender a odiar e, se podem aprender a odiar, pode-se ensiná-las a aprender a amar. O amor chega mais naturalmente ao coração humano que o contrário”.

(Nelson Mandela)

BOÇAL

Faz referência a negros escravizados que não sabiam falar a língua portuguesa. O sentido generalizou-se a indivíduos sem instruções, ignorantes e rudes.

“Olha a cara desse vereador, mas é muito boçal”.

Substitua por: ignorante/grosseiro

BARRIGA SUJA/LIMPA

Termo dado ao ventre das mulheres quando nascem seus filhos, se estes forem pretos a chamam de Barriga Suja; se forem brancos a chamam de Barriga Limpa.

“Mas nasceu tudinho escuro, coitada, tem a barriga suja. Diferente da irmã que tem a barriga limpa, olhas os filhos dela como são lindos”.

Não use essa frase.



Maria Victória, 11 anos.

C

*“Numa sociedade racista, não basta não ser racista.
É necessário ser antirracista”.*

(Angela Davis)

COISA/SERVIÇO/TRABALHO DE PRETO

Usado para descrever um serviço mal feito. O termo é carregado de preconceito, uma vez que descreve as pessoas negras como incapazes e preguiçosas.

“Muito mal feito, todo borrado, parece serviço de preto”.

Substitua por: trabalho mal executado ou errado.

COR DE PELE

A expressão utilizada para descrever lápis de cor rosa-claro, fazendo referência à pele de pessoas brancas.

“Crianças, agora peguem o lápis de cor na, cor de pele, e pintem as mãos do desenho de vocês”.

Substitua por: rosa-claro ou bege

CABELO RUIM, CABELO DE BOMBRIL, CABELO DURO

Expressões usadas como adjetivos a imagem e o cabelo de pessoas negras.

“Precisa de muito creme porque o cabelo dela é ruim”.

Substitua por: cabelo crespo, cacheado, afro, Black Power.

COR DO PECADO

Utilizada como elogio a pessoas negras. Em uma sociedade pautada na religião, pecar não é positivo, ser pecador é errado, e ter a pele associada ao pecado significa que ela é ruim.

“Que mulher linda, da cor do pecado”.

Não use essa frase.

CRIADO-MUDO

Nome dado a um tipo de móvel, faz referência aos criados (geralmente escravizados) que deviam segurar objetos para seus senhores. Como estes criados não podiam falar, eram considerados mudos, daí o termo criado-mudo.

“Pegue o meu celular, está no quarto, deixei sob o criado-mudo”.

Substitua por: mesa de cabeceira

CLAREAR A FAMÍLIA

Uma frase/costume muito utilizada para insinuar ou sugerir que pessoas pretas casassem com pessoas brancas para que os filhos destes nascessem brancos, na compreensão também que, geneticamente, brancos eram superiores aos negros. Algo que hoje chamados de apagamento epistêmico.

“É só casar com branco para clarear a família”.

Não use essa frase.



Maria Rosa, 10 anos.



Sophia Kalinny, 10 anos.

D

“A consciência negra é, em essência, a percepção pelo negro da necessidade de reunir-se com seus irmãos em torno da causa de sua opressão”.

(Steve Biko)

DOMÉSTICA

Traz referências a Mulheres negras escravizadas que trabalhavam dentro da casa das famílias brancas e eram consideradas domesticadas para esta ou outra atividade. Isso porque pessoas negras eram vistos como animais e muitas vezes precisavam ser domesticados através da tortura.

“Estou em busca de uma empregada doméstica, com indicação”.

Substitua por: secretária do lar/ empregada/funcionária

DENEGRIR

“Tornar negro” ou “escurecer”. É usado para difamar ou acusar injustiça por outra pessoa, sempre usado de forma pejorativa, ou seja, utilizar esta palavra pejorativa é extremamente racista.

“Perdão, não foi minha intenção denegrir ninguém aqui”.

Substitua por: difamar

DISPUTAR A NEGA

Expressão usado no momento de desempate de algum jogo, traz referências aos leilões de senhores de escravizados no momento do tráfico humano de pessoas negras.

“Eles estão empenhados, irão os dois disputar a nega”.

Não use essa frase.

DEIXAR CLARO/ ESCLARECER/ CLARIFICAR

Em diversos contextos a dualidade entre o preto e branco /claro e escuro aparece como parâmetro de explicação. O “escuro” é associado ao sombrio, ao turvo e a sentimentos ruins como o medo e dúvida, enquanto o “claro” refere-se a resoluções de problemas e coisas entendíveis.

“Essa última fala dele deixou claro suas verdadeiras intenções”.

Substitua por: para compreender/ compreensível

E

“Você nunca deve ter medo do que está fazendo quando está certo”.

(Rosa Parks)

ESCRAVO

Este termo induz a pensar que pessoas escravizadas eram passivas ao processo de escravização e insinua a condição de escravização como sina ou subjetividade de nascença. Os povos aqui escravizados eram pessoas livres e que foram arrancadas de seu local de vivência contra a sua vontade.

“Somos descendentes de escravos”.

Substitua por: escravizado

ESTAMPA ÉTNICA

O termo estampa, usado sem acréscimo de adjetivos, traz referências de um padrão de moda europeu, quando o desenho tem traços da cultura africana dá-se ao nome de “estampa étnica”.

“Olha o look daquela modelo, veja a estampa étnica que foi feita”.

Substitua por: Estampa africana



Maria Célia, 12 anos.

F

“Como negra, não quero mais ser objeto de estudo, e sim sujeito da pesquisa.”

(Djamila Ribeiro)

FEITO NAS COXAS

A expressão vem da técnica utilizada pelos escravizados para fazer telhas. Por serem artesanais e seguirem os formatos dos corpos, as peças não se encaixaram bem umas nas outras, sendo consideradas mal feitas.

“Muito feio esse trabalho, parece que foi feito nas coxas”.

Substitua por: mal feito/mal executado



Carlos André, 8 anos.

H

“Precisamos ser criadas para a liberdade. O mundo é grande demais para não sermos quem a gente é”.

(Elza Soares)

HUMOR NEGRO

Descrever um tipo de humor polêmico e com piadas de mal gosto, com temas mórbidos, sérios ou tabus com tom politicamente incorreto.

“Aquele humorista tem fama pelas suas piadas de humor negro”

Substitua por: humor ácido





Pedro Victor, 13 anos.

I

“O que os livros escondem, as palavras ditas libertam”.

(Conceição Evaristo)

INVEJA BRANCA

Associa o “branco” ao que é positivo, uma inveja boa, um sentimento do bem e ao contrário o “negro” ao negativo, a algo que faz mal.

“Não acredito que você trocou de carro, estou com uma inveja branca de você!”.

Substitua por: inveja

INHACA

O termo é usado para falar de algo ou alguém com odor forte e desagradável. Uma referência racista. Inhaca é uma ilha de Moçambique e é daí que vem o uso do termo, em outros tempos afirmavam que pessoas negras fediam mais que pessoas brancas, mais uma vez para reforçar estereótipos e preconceitos.

“Alguém aqui está com uma inhaca medonha”.

Substitua por: mal odor/cheiro ruim



Pedro Ismael , 13 anos.

L

“O Brasil aplaude a miscigenação quando clareia. Quando escurece, ele condena. O táxi não para pra você, mas a viatura para. Esse é o problema urgente do Brasil”.

(Conceição Evaristo)

LISTA NEGRA

Por alguma razão negativa, ou fato desagradável, pessoas que estão nesta lista estão excluídas de certos grupos, ou ainda serão perseguidas por algo/alguém. Mais uma vez a palavra “negra” é usada como algo negativo.

“As pessoas que não me parabenizaram no meu aniversário já estão na minha lista negra”.

Substitua por: excluído/restrito/lista proibida



José Everson , 11 anos.

M

“Negar e silenciar é confirmar o racismo”.

(Roger Machado)

MERCADO NEGRO

Usado para se referir a um sistema de compras e vendas clandestino, ilegal. A palavra “negro” é usada como algo negativo.

“Aqui está bem caro, no mercado negro é mais em conta”.

Substitua por: mercado clandestino/ilegal

MORENO/A

Parte da ideia que chamar alguém de negro ou preto é ofensivo. Usar os termos “morena”, “mulata” ou outro adjetivo, traz ideia de embranquecendo e “amenizaria” o “incômodo”.

“Negra, preta... não! Veja que ela é morena, morro bombom, cor de jambo.”

Substitua por: pelo nome da pessoa ou questione como ela prefere ser descrita.

MEIA TIGELA

Termo construindo quando negros trabalham à força nas minas de ouro e nem sempre conseguiam alcançar sua meta diária. Quando isso acontecia, estes recebiam apenas meia tigela de comida.

“É um profissional de meia tigela.”

Substitua por: medíocre/ruim.

MULATO/A

Mula, a cruz de um asno macho com uma égua. O termo surge na época da escravidão, quando muitas mulheres escravizadas eram violentadas por “seus senhores” e tinham filhos que eram chamados de mulatos.

“Uma bela de uma mulata”.

Substitua por: não retinto

MACUMBEIRO/GALINHA DE MACUMBA/CHUTA QUE É MACUMBA

Expressão que discrimina os(as) praticantes de religiões de matrizes africanas

“Para cima de mim? Chuta que é macumba!”.

Substitua por: pessoa de religião de matriz africana/culto de matriz africana/não gostei disto

Substitua por: não retinto

N

“O imaginário do Brasil, pelo racismo, não concebe reconhecer que as mulheres negras são intelectuais”.

(Conceição Evaristo)

NÃO SOU TUAS NEGAS

Refere-se que a mulher negra como “qualquer uma” ou “de todo mundo”, relembra o tratamento às mulheres escravizadas que eram, seguidamente, assediadas e estupradas. A frase deixa explícita que com “as negras pode tudo”, e com as demais não se pode fazer o mesmo, e no tudo está incluso desfazer, maltratar. Portanto, além de profundamente racista, o termo é carregado de machismo.

“Se saia, me respeite que eu não sou tuas negas”.

Não use essa frase.

NÃO VOU MENTIR PRA FICAR PRETO

Lenda antiga, mulheres brancas, no período da escravização, diziam aos seus filhos que as pessoas pretas nasceram brancas, mas ficaram pretas porque mentiam muito, assim usava essa história para amedrontar seus filhos e fazem com que não mentissem.

“Eu mesmo não fiz o trabalho, não vou nem mentir pra ficar preto”.

Não use essa frase.

NEGA MALUCA

A história conta que o termo surgiu quando uma mulher escravizada estava fazendo um bolo e acidentalmente deixou cair cacau em pó na receita e, ao invés de descartar a massa, seguiu criando o bolo de chocolate. Outra forma que o termo é usado é para fantasias normalmente utilizadas em festas carnavalescas, onde há pessoas brancas “fantasiadas” de pessoas pretas, dançando e gritando de forma exagerada para construir um estereótipo de “nega maluca”

“Doce para mim só presta se for de nega maluca”.

“Lá se vem a nega maluca”.

Substitua por: bolo/doce de chocolate

NEGRO LINDO/NEGRA LINDA

Termo reforça um padrão de beleza branco, e quando ao contrário encontra pessoas pretas que por trazem traços caucasianos ou europeus lhe dão a elas o adjetivo de lindas. A beleza deve ser discutida para além da questão étnica.

“Que negra linda!”.

Não use essa frase.

NEGRA/NEGRO DE TRAÇOS FINOS

Uma direta tentativa de “clareamento”. Considera-se que pessoas negras que tem traços ou características caucasianas, mais parecidos com o padrão de beleza europeu, são pessoas mais bonitas.

“Um preto de traços finos!”.

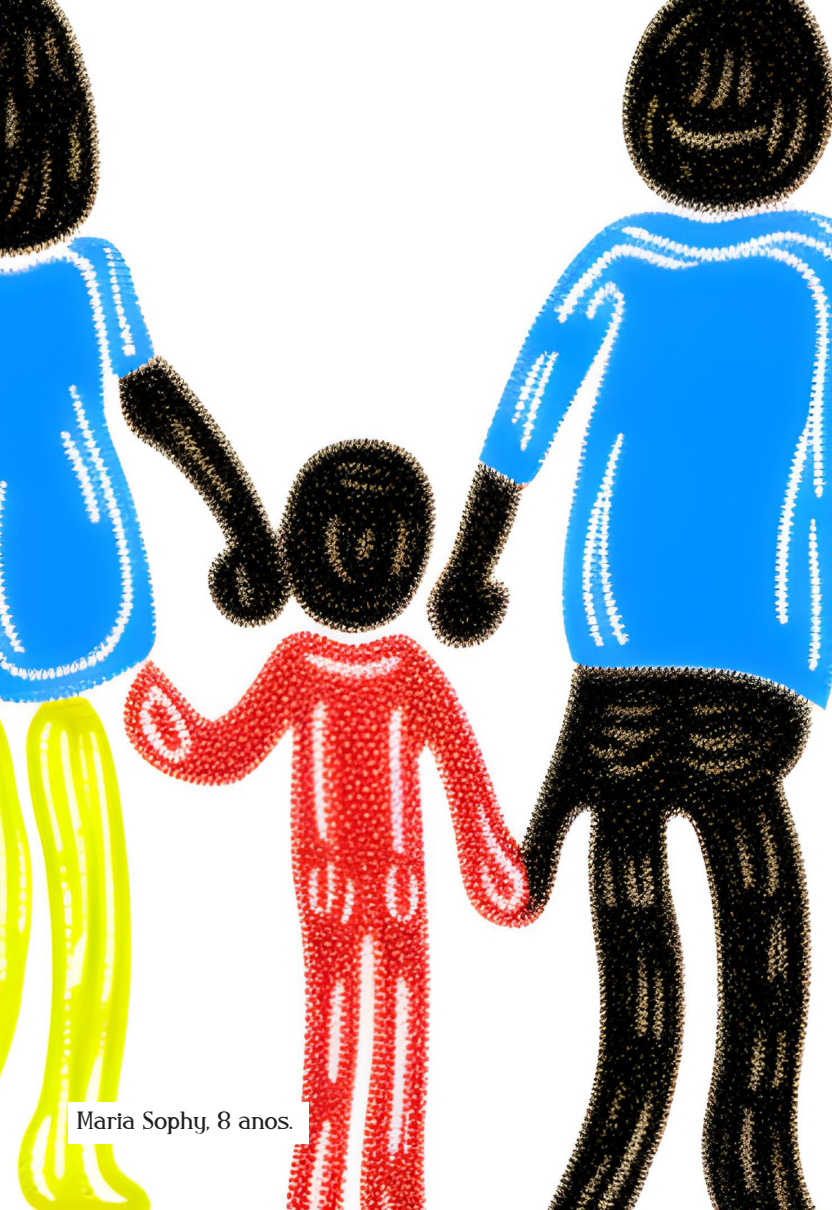
Não use essa frase.

NEGO QUANDO NÃO CAGA NA ENTRADA CAGA NA SAÍDA

Expressão fortemente utilizada no nordeste brasileiro. Usada tanto para referir-se a pessoas que são narcisistas quanto para pessoas que fazem serviço mal feito. Traz preto/negro como adjetivo de algo ruim

“Olha isso, nego quando não caga na entrada caga na saída”.

Substitua por: bolo/doce de chocolate



Maria Sophy, 8 anos.

O

“Suba o primeiro degrau com fé. Não é necessário que você veja toda a escada. Apenas dê o primeiro passo”.

(Martin Luther King)

VELHA NEGRA

Carrega o simbolismo de associar o negro a algo ruim. Neste caso, a velha negra, sempre é algo que faz algo ruim em comparação aos outros.

“Ele é a velha negra da família”.

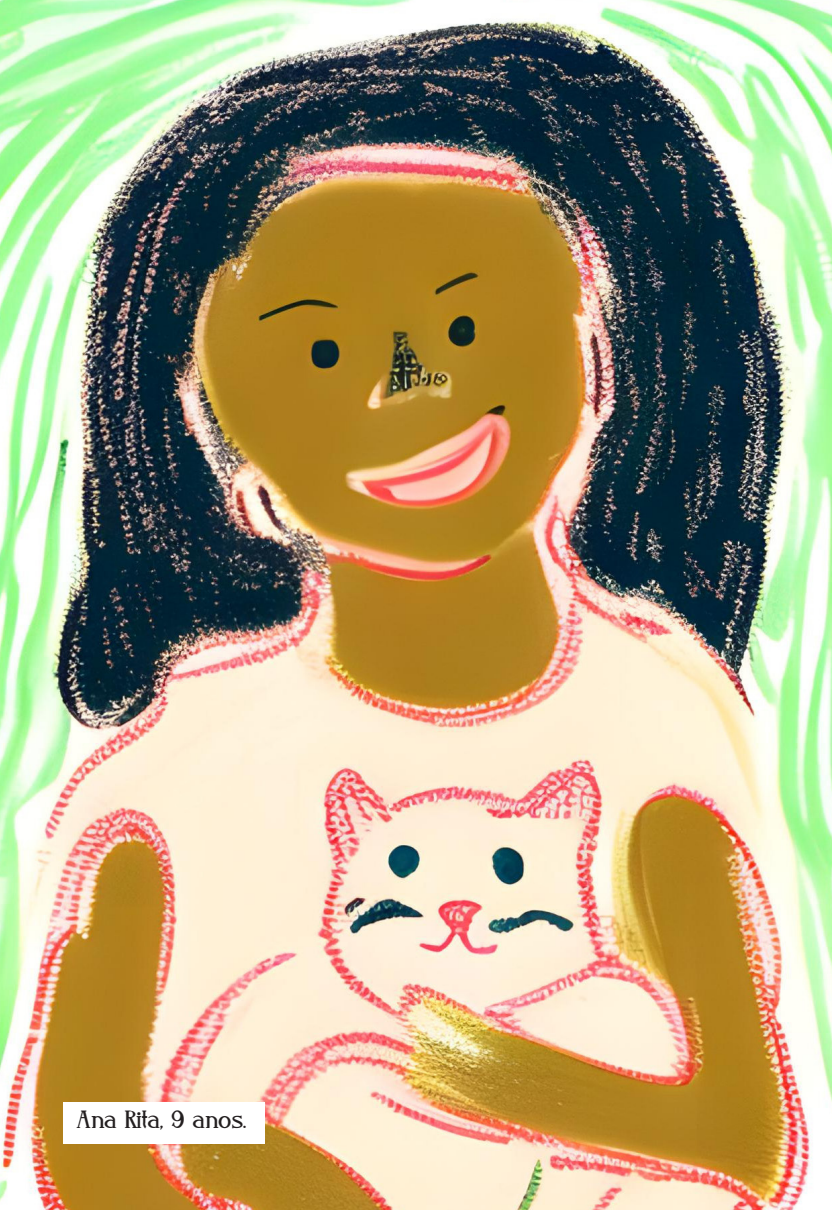
Substitua por: pessoa ruim

OS PRÓPRIOS NEGROS SÃO RACISTAS

O racismo é um problema estrutural da sociedade, então, todos nós, enquanto indivíduos participantes desta sociedade e cultura, praticamos racismo no dia-a-dia de alguma forma. Especificar que pessoas negras são racistas, quando de forma geral todas as pessoas são, é uma tentativa de deslegitimar o movimento e a luta antirracista.

“É tanta conversa sobre racismo, se até os próprios negros são racistas”.

Não use essa frase.



Ana Rita, 9 anos.

P

“Se você fica neutro em situações de injustiça, você escolhe o lado do opressor”.

(Desmond Tutu)

PRETO DE ALMA BRANCA

Quando uma pessoa negra, individualmente, apresenta boas qualidades e características como: fala de forma compreensível e tem boa oratória, tem um nível acadêmico elevado, faz ações filantrópicas ou preocupa-se com o outro, dá-se a ele uma “alma branca”, expressando que somente pessoas brancas são capazes de bons feitos.

“Você viu como o Carlos é inteligente e atencioso? Vê-se logo que é um preto de alma branca”.

Substitua por: Bom coração/Sábio/Caridoso/Generoso

PRECISAMOS MESMO É DO DIA DA CONSCIÊNCIA HUMANA

Frase usada como antônimo as movimentações ao Dia da Consciência Negra. Com a principal intenção de deslegitimar o movimento negro e tentar, no sentido de esconder, as dores da população negra.

“Para mim é menos dia da consciência negra e mais dia da consciência humana”.

Não use essa frase.



Rafaela, 10 anos.

R

“Tire o seu racismo do caminho, que eu quero passar com minha cor”.

(Georges Najjar Jr)

RACISMO REVERSO/INVERSO

A compreensão de racismo reverso/inverso é falsa. É uma expressão usada para negar a estrutura racista contra a população negra. Quando se diz “reverso ou inverso”, estamos insinuando um lado “correto” para que esse racismo aconteça, se o “inverso” é para com o branco, o “correto” é para os com pretos. O racismo é uma compreensão social de que há uma raça que exerce domínio sobre outra, a partir dessa afirmativa, não há possibilidades de pensar o racismo de pessoas pretas para com pessoas brancas.

“Ela o chamou de amarelo safado, está claro que foi racismo reverso”.

Não use essa frase.



Kelly Victorya, 11 anos.

S

“O movimento negro tem várias faces, mas sempre é uma continuidade da grande luta de libertação cujo maior líder e referência básica é Zumbi dos Palmares”.

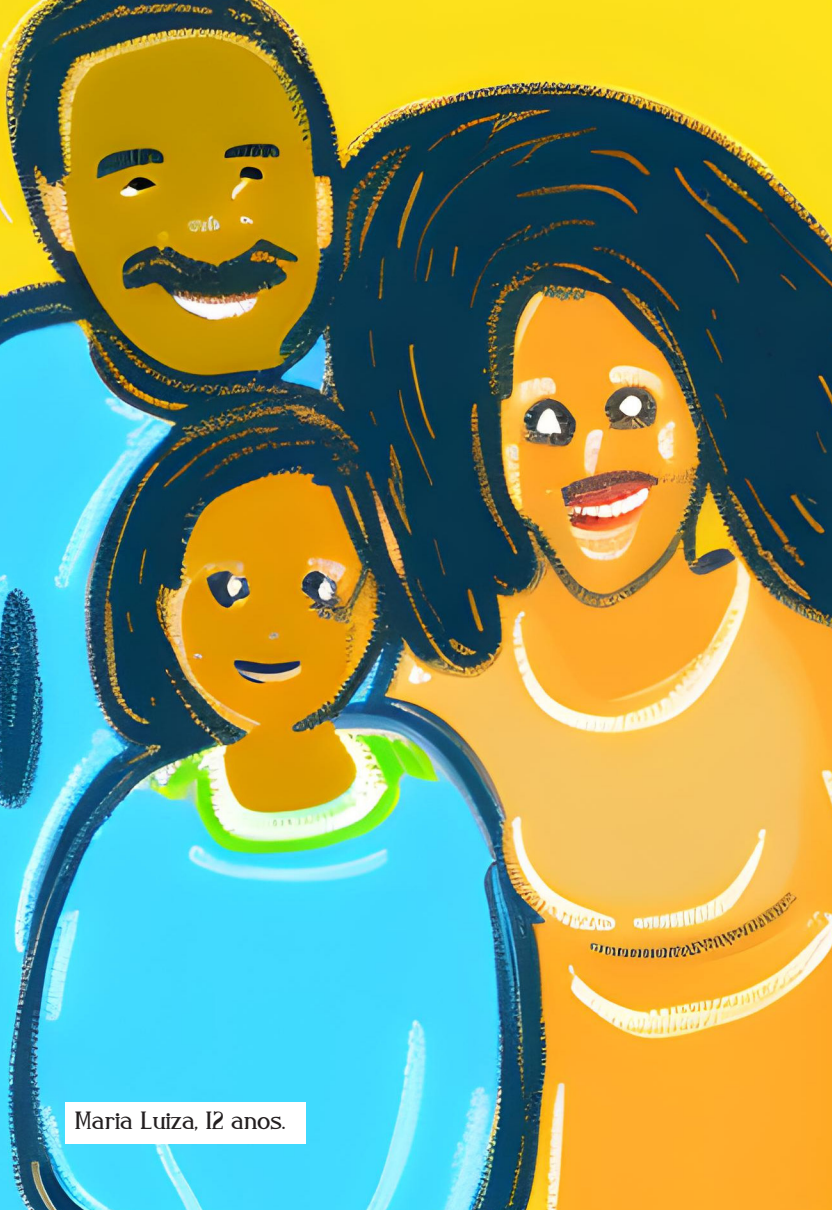
(Abdias Nascimento)

SAMBA DO CRIOULO DOIDO

Canção de samba, composta por Sérgio Porto (pseudônimo de Stanislaw Ponte Preta), que ironizava a obrigatoriedade de as escolas de samba retratarem em seus enredos apenas temas de fatos histórico. Porém a expressão debochada reforça um estereótipo e discriminação aos negros.

“Era uma gritaria danada, uma confusão, um samba de crioulo doido”.

Substitua por: confusão/gritaria/bagunça



Maria Luiza, 12 anos.

T

“Não sou descendente de escravos, sou descendente de pessoas que foram escravizadas”.

(Makota Valdinha)

TEM O PÉ NA COZINHA/SENZALA

Forma preconceituosa para falar de pessoas de origem negra.

“A família toda dela tem um pé na cozinha”.

Não use essa frase.

TEM CAROÇO NESSE ANGU

Possui origem em um truque realizado pelos escravizados para melhor se alimentarem. Quando o prato era composto de angu de fubá, o que acontecia com frequência. A escravizada que lhes servia, por vezes, conseguia esconder um pedaço de carne ou alguns torresmos embaixo de angu.

Substitua por: há algo além/estão escondendo algo

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Moreira, Adilson. **Racismo Recreativo**. 1ª edição. São Paulo: Pólen Livros, 2018.

Nascimento, Gabriel. **Racismo Linguístico: os subterrâneos da linguagem e do racismo**. 1ª edição. Rio de Janeiro: Confraria do Vento, 2017.

Geledes.org.br. **18 Expressões racistas que você usa sem saber**. Geledes.org.br, [data de publicação não especificada]. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/18-expressoes-racistas-que-voce-usa-sem-saber/>. Acesso em: 22/11/2022.

Revista Galileu. **7 palavras preconceituosas ou racistas que você deveria parar de usar**. Revista Galileu, [data de publicação não especificada]. Disponível em: <https://revistagalileu.globo.com/Sociedade/noticia/2020/08/7-palavras-preconceituosas-ou-racistas-que-voce-deveria-parar-de-usar.html>. Acesso em: 23/11/2022.

Carta Capital. **Dez expressões racistas que você precisa parar de falar imediatamente**. Carta Capital, [data de publicação não especificada]. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/sociedade/dez-expressoes-racistas-que-voce-precisa-parar-de-falar-imediatamente/>. Acesso em: 23/11/2022.

Estado de Minas. (Autor não especificado). **10 expressões racistas que você não deveria mais usar**. Portal Uai - Estado de Minas, 11 de dezembro de 2022. Disponível em: <https://www.em.com.br/app/noticia/diversidade/2022/12/11/noticia-diversidade,1432124/amp.html>. Acesso em: 10/01/2023

Secretaria de Estado de Direitos Humanos do Espírito Santo. Novembro Negro: **Conheça algumas expressões racistas e seus significados**. SEDH ES, [data de publicação não especificada]. Disponível em: <https://sedh.es.gov.br/Not%C3%ADcia/novembro-negro-conheca-algumas-expressoes-racistas-e-seus-significados>. Acesso em: 11/01/2023.

BAHIA.BA. **Historiadora defende que a palavra ‘mulata não vem de mula: Lita Chastan, autora de “Por Que América”, propõe uma nova etimologia para o termo polêmico que recentemente voltou à discussão no país**. Publicado em 14/02/2017. Disponível em: <https://bahia.ba/entretenimento/historiadora-defende-que-palavra-mulata-nao-vem-de-mula>. Acesso em: 14 jun. 2022.

BRASIL. Tribunal Superior Eleitoral. **Portaria-TSE n. 230, de 8 de março de 2022**. Brasília, Tribunal Superior Eleitoral, 2022. Disponível em: <https://www.tse.jus.br/legislacao/compilada/prt/2022/portaria-no-230-de-08-de-marco-de-2022>. Acesso em: 25 out. 2022.

CACCIATORE, Olga Gudolle. **Dicionário de cultos afro-brasileiros**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1988.

CASTRO, Yeda Pessoa de. **Falares africanos na Bahia: um vocabulário afro-brasileiro**. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, Topbooks, 2001.

DIAS, João Ferreira. **“Chuta que é macumba”: o percurso histórico-legal da perseguição às religiões afro-brasileiras**. Sankofa, Rio de Janeiro, ano 12, n. 22, p. 39-62, maio 2019.

ONLINE Etymology Dictionary. Dumb-waiter(n.). Disponível em: https://www.etymonline.com/word/dumb-waiter#etymonline_v_31949. Acesso em: 19 maio 2022.

LACERDA, Paulo M. Lei, **violência e acusações de “magia negra” em crimes contra crianças**. Mana, v. 23, n. 2, maio/ ago. 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/mana/a/bdwz3YwQD4XK6YyPHTp6WSt/?lang=pt>. Acesso em: 9 maio 2022.

LOPES, Nei. **Enciclopédia brasileira da diáspora africana**. São Paulo: Selo Negro, 2014. <https://www.yumpu.com/pt/document/read/62827235/lopes-nei-enciclopedia-brasileira-dadiaspورا-africana>. Disponível em: <https://www.yumpu.com/pt/document/read/62827235/lopes-nei-enciclopedia-brasileira-da-diaspora-africana>. Acesso em: 25 out. 2022

LOPES, Nei. **Novo dicionário Banto do Brasil**. Rio de Janeiro: Pallas, 2003.

PASTINA FILHO, José La. **Eram as telhas feitas nas coxas das escravas?** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2019.

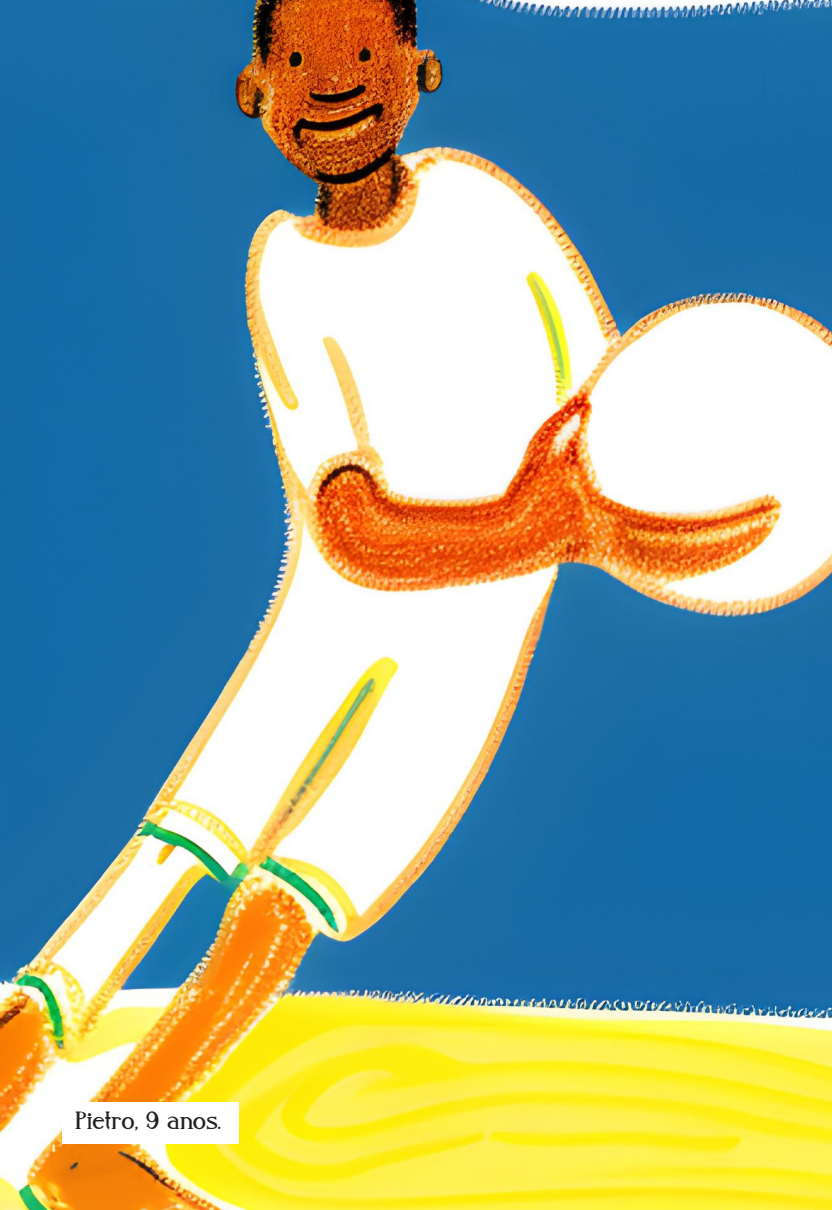
Arqueologia, Curitiba, v. 10, n. 1, 2006. Disponível em: <https://journals.kvasirpublishing.com/arq/article/view/64/144>. Acesso em: 20 maio 2022.

PENNA, Gabriela Ordones. **Que mulata é essa? As ilustrações de Alceu Penna para o show Brasil Export (1972)**. dObras[s]: revista de estudos de pesquisa em moda, São Paulo, v. 9, n. 20, p. 94-115, 2016.

PIMENTA, Reinaldo. **A casa de mãe Joana: curiosidades nas origens das palavras, frases e marcas**. Rio de Janeiro: Campus, 2002. SCHWARCZ, Lília Moritz. **Nem preto nem branco, muito pelo contrário: cor e raça na sociedade brasileira**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

SÓ PORTUGUÊS. **A origem das expressões. Ovelha negra**. Disponível em: <https://www.soportugues.com.br/secoes/proverbios/ovelhanegra.php>. Acesso em: 17 maio 2022.

SOUSA, Rainer. **De meia-tigela. Brasil Escola**. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/curiosidades/de-meia-tigela.htm>. Acesso em: 18 maio 2022.



Pietro, 9 anos.

